

O CONCEITO DE NATALIDADE NA OBRA “A CONDIÇÃO HUMANA” DE HANNAH ARENDT

*THE CONCEPT OF NATALITY IN HANNAH ARENDT'S
“A CONDIÇÃO HUMANA”*

Pedro Rento Pereira da Silva¹

Victor Hugo de Oliveira Marques²

RESUMO

O presente artigo estuda o conceito de natalidade na obra *A condição humana*, de Hannah Arendt. Salienta a importância de tal conceito para teoria política. Realça que o pensamento político de Arendt é uma construção ao longo de um período conflitante na história, o nazismo. Demonstra que a teoria política de Arendt parte de uma reflexão das atividades humanas a fim de evitar os regimes totalitários. As atividades humanas que a filósofa destaca são: Trabalho, Obra e Ação. Essas atividades estão intimamente ligadas ao nascimento, ou seja, à Natalidade. Trabalho e Obra são responsáveis por preservar a subsistência humana, logo é um cuidado consigo e, em consequência, com o mundo. Entretanto, é a ação que apresenta a perfeição do nascimento, pois permite a relação entre os homens e a participação na vida pública. A natalidade, como centro de tudo isso, é a válvula de escape dos regimes totalitários, uma abertura ao diálogo e à pluralidade, por isso está ligada intrinsecamente a ação. Para Arendt, a essência da política é a natalidade, pois é a partir desse segundo nascimento que os indivíduos podem ser e agir no mundo. A preocupação com

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).
E-mail: pedro_renato09@hotmail.com

² Orientador da pesquisa. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor titular da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).
E-mail: vicgo@bol.com.br

o agir dos novos indivíduos é o que possibilita, em sua teoria, transformações na sociedade. Pois da preocupação da humanidade com a natalidade é que surge um espaço onde todos podem participar gerando responsabilidade e sentido de pertença.

Palavras-chave: Ação. Condição Humana. Hannah Arendt. Espaço Público. Natalidade. Política.

ABSTRACT

The current article studies the conception of natality from the work *The Human Condition* from Hannah Arendt. It shows the importance of this conception on the political theory. It emphasizes that Arendt's political thought is a construction over a conflicting period in History, the Nazism. It shows that Arendt's political theory comes from a reflection of human activities so as to avoid the totalitarian regime. The human activities that the philosopher points out are: labor, work and action. These activities are extremely connected to birth, in other words, the natality. The labor and work are responsible for preserving the human subsistence, therefore it's a care about itself and so the world. However, it is the action that shows the perfection of birth. This is possible because it allows the relation between the men and the participation in the public life. The natality as the center of everything is the scape valve from the totalitarian regime and an opening to a dialogue and plurality and that's why it is intrinsically connected to the action. To Arendt, the essence of politics is the natality, so it is because of this second birth that people can be and do in the world. The worry about the action of new people is what makes it possible, according to her theory, the transformation in society. It is from humanity worry about natality that it can be found a space where everybody can work on giving responsibility and sense of belonging.

Keywords: Action. Human Condition. Hannah Arendt. Public Space. Natality. Politics.

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura analisar o conceito de natalidade, presente na obra *A condição humana* de Hannah Arendt. Esse conceito, segundo Arendt (2014), é a condição mais geral da existência humana, pois corresponde às três atividades fundamentais que o homem exerce na terra: trabalho, obra e ação. Sendo a ação a atividade política por excelência, o centro da reflexão de Arendt não poderia ser a mortalidade, mas sim a natalidade. Entender a natalidade como centro da reflexão política de Arendt é o caminho para entender a ação política desenvolvida em seu pensamento.

O presente artigo, também busca entender os motivos que levam Arendt a discutir o tema da natalidade, a partir de seu contexto histórico, a fim de explicitar o quanto a natalidade se integra ao pensamento político da autora, elucidando a novidade presente em cada homem. Para entender a condição da natalidade, reflete-se a condição de Arendt, como judia pensadora e apátrida, evidenciando as influências que o período vivido (nazismo) teve em seu pensamento. A partir da obra *A condição humana*, serão discutidas as três atividades da condição humana, e suas relações com a natalidade. Diferencia a natalidade do nascimento biológico, e evidencia o ambiente político que o homem se apresenta, denominado **espaço público**.

Por fim, evidenciar que do nascimento de novos seres humanos para o meio político surge a esperança de novas transformações no mundo. Como garantia de continuidade, por meio do novo de cada ser humano, a condição da natalidade é de suma importância para o espaço público. É a garantia de que novas ideias surgirão e que será possível pensar por si mesmo, sem a opressão totalitária.

1 A CONDIÇÃO HUMANA DE ARENDT

Após o conturbado período do nazismo, Hannah Arendt demonstra uma grande preocupação com o indivíduo. A partir daquele momento, a noção de ser humano parece ter mudado completamente, no sentido mais degradante da mudança. O homem parece não reconhecer o outro como homem. Assim, o respeito pela dignidade humana, pela singularidade de cada indivíduo é massacrado pela intolerância e manipulação no totalitarismo³ (FRY, 2010). Em *Origens do totalitarismo*, ela traça

³ Segundo Arendt em *Origens do totalitarismo* (2012), os movimentos totalitários não são apenas ditaduras, como se parecem. Não são semelhantes a nenhum outro movimento tirânico. Trata-se de uma doutrinação que começa lentamente até se infiltrar e parecer plausível a todos os públicos. Arendt compara o totalitarismo a um processo “durante o qual a ciência tornou-se um ídolo que, num passe de mágica, cura os males da existência e transforma a natureza do homem” (ARENDR, 2012, p. 10).

uma diferença entre os sofistas de Platão com os chamados **sofistas modernos**, dizendo que “aqueles destruíam a dignidade do pensamento humano, enquanto estes destroem a dignidade da ação humana” (ARENDDT, 2012, p. 34). Portanto, era necessária uma reflexão das atividades que permeiam as condições humanas para entender a própria ação humana, e evitar os exageros contra a dignidade humana.

A resposta que Arendt tentou dar aos “porquês” dos regimes totalitários nesta obra se tornou, assim, uma fenomenologia das atividades humanas (FRY, 2010). Dentro dessa preocupação nasceu a obra *A condição humana* (1958). A proposta de análise da condição humana consiste em reconsiderar a própria condição, mediante de uma reflexão das ações do homem.

O que estamos fazendo é, na verdade, o tema central deste livro [*A condição humana*]. Ele aborda somente as articulações mais elementares da condição humana, aquelas atividades que tradicionalmente, e também segundo a opinião corrente, estão ao alcance de todo ser humano (ARENDDT, 2014, p. 6).

Arendt compreende que a condição humana vai além das simples condições dadas ao homem na terra. O homem é condicionado por tudo que entra em contato com sua vida, tudo aquilo que ele coloca à sua frente, tornando significativo, transformando essas “coisas” em condições de sua existência. Por isso refletir essas condições é tão importante para Arendt, pois se percebe uma confusão nessas condições, pelo menos nas mais básicas do homem tratadas neste trabalho. Resta esclarecer que a condição humana, para Arendt, não é o mesmo que natureza humana. A preocupação da autora não é dizer o “quê” é o homem, mas refletir as atividades fundamentais do homem a partir das condições dadas a ele aqui na terra (ARENDDT, 2014).

No início de *A condição humana*, Arendt recorre à expressão “*vita activa*” para distinguir as atividades humanas fundamentais: Trabalho, obra e ação⁴ (que serão tratadas a seguir); e, como ela mesma diz, tal termo é “carregado e sobrecarregado de tradição. É tão velho quanto nossa tradição de pensamento político, mas não

2012, p. 479). O totalitarismo é um fenômeno que surge quando se pensa as pessoas de forma supérfluas. Esmaga os traços humanos (a liberdade de agir politicamente) até a possibilidade da perpetuação do movimento. Coloca nas mãos de um único ser a vida de todos outros. É esmagador e inibe a pluralidade política (FRY, 2010).

⁴ A discussão a respeito da tradução dos termos *labor* e *work* ainda é um grande problema entre os tradutores de Arendt. Como esse não é o tema central do trabalho, não será discutido profundamente, apenas se indica a fonte a partir de onde a tradução é usada neste texto, a saber, pode ser conferida na edição brasileira de Adriano Correia (2014, p. V).

mais velho que ela” (ARENDT, 2014, p. 14). Entretanto, a autora tenta desvincular a ideia negativa que, ao longo da tradição, o termo recebeu, ou seja, transformando o valor da ação em contemplação. Assim ela diz:

Sustento simplesmente que o enorme valor da contemplação na hierarquia tradicional embaçou as diferenças e articulações no âmbito da própria *vita activa* e que, a despeito das aparências essa condição não foi essencialmente alterada pelo moderno rompimento com a tradição (ARENDT, 2014, p. 21).

As críticas que a pensadora faz à tradição resultam no “retorno” da ação a uma atividade predominantemente humana, correspondendo à pluralidade dos homens de poderem habitar o mundo e nele se manifestar e agir. A condição humana, baseada na ação, não é apenas um pensar politicamente, mas uma compreensão das condições que a vida foi dada ao homem, na tentativa de captar o caminho que este toma enquanto existência condicionada. É reconsiderar “a condição humana do ponto de vista privilegiado de nossas experiências e nossos temores mais recentes” (ARENDT, 2014, p. 6), ou seja, refletir os fatos que o passado apresenta, tentativa de não repeti-los. Por isso o apego a uma vida contemplativa (sem a preocupação com os problemas da *pólis*), que veio da tradição, parece ter afastado o homem da problemática política fundamental, da preocupação com a *pólis*, com o bem comum, gerando uma troca de valores, principalmente no âmbito social.

Com o objetivo de entender e clarificar as condições que a vida é dada ao homem, principalmente uma valorização da vida pública, como “algo novo”, os próximos tópicos são dedicados à explicação das atividades humanas: trabalho, obra e ação.

1.1 A CONDIÇÃO HUMANA DO TRABALHO

Arendt (2014) dá o nome de trabalho à necessidade de cada homem de sobreviver. Com o termo **trabalho**, Arendt (2014) propõe uma distinção entre trabalho e obra. A preocupação da filósofa com os termos, buscando os seus significados originais, perdidos pela tradição, a leva a recorrer a Locke⁵, na distinção entre as mãos que obram e o corpo que trabalho – distinção usada por Arendt em *A condição humana*.

⁵ Segundo Magalhães (1985), o trecho retirado da obra *Second treatise of civil government* (1690), na seção 27, usado por Arendt para distinguir trabalho e obra é errôneo. Segundo a autora, Locke não faz distinção entre trabalho e obra em seu texto. No entanto, como não é o objeto de nosso trabalho tratar dessa distinção, apenas indicamos as fontes. Conferir o artigo de Theresa Calvet de Magalhães (1985 p. 8-9).

Já no primeiro capítulo desta obra, encontra-se o trabalho como necessidade vital do ser humano, pois a condição do trabalho é a condição da própria vida.

Para entender a condição do trabalho, a filósofa retoma os primórdios da civilização, quando viver era possibilidade de poucos – só os fortes sobreviveriam (ARENDRT, 2014). Assim, a vida é uma constante e repetitiva sequência de ações no mundo que mantém os homens vivos. O trabalho, como necessidade de sobreviver, esgota o homem por conta do esforço de se manter vivo; entretanto, o trabalho manifesta e dá ao homem uma alegria, pois, a partir de suas ações, resulta sempre em algum benefício em retribuição ao seu esforço, seu trabalho. Por isso a íntima relação “homem e natureza” possibilita ao homem estar em consonância com a vida (FRY, 2010).

Segundo Fry (2010), o trabalho faz parte do movimento cíclico da vida, por isso acaba sendo repetitivo, porém é necessário para subsistência. Por isso, deve começar cedo para alimentar as necessidades humanas. Na linguagem de Arendt, “a atividade do trabalho (*laboring*) move-se sempre no mesmo círculo prescrito pelo processo biológico do organismo vivo, e o fim de suas ‘fadigas e penas’ só advém com a morte do organismo” (2014, p. 120), ou seja, o trabalho inicia com a vida e termina apenas na morte, quando cessa a necessidade de sobrevivência (ABREU, 2004).

1.2 A CONDIÇÃO HUMANA DA OBRA

Distintamente do trabalho, a obra é uma condição que está ligada à durabilidade da vida humana, garantir que os produtos que possibilitem a vida possam ser reutilizados e possam dar estabilidade aos seres humanos. O *homo faber* tal como denomina Arendt (2014) produz e opera em uma variedade de coisas que se pode chamar de **artefatos**. Esses produtos humanos, por sua vez, também fazem parte de sua condição. Como “fabricador”, o homem garante seu lugar na natureza dominando-a. Enquanto dominador, assume o controle das exigências naturais e abre um caminho de possibilidades. Ou seja, possibilitar que a vida seja mais fácil, através do controle da natureza. São possibilidades à própria vida.

A obra, segundo Arendt (2014), também traz elementos de violência, pois carrega em si um aspecto de violação. Segundo a tradição judaico-cristã, o homem foi colocado na terra como senhor de tudo, pois tudo lhe foi dado⁶. Como senhor

⁶ “sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam na terra” (Gn. 1, 28).

de tudo, os projetos humanos resultam na transformação de bens naturais em obras de fabricação. Como senhor das coisas criadas “o *homo faber* é livre para produzir, e também a sós, diante da obra de suas mãos, é livre para destruir” (ARENDT, 2014, p. 178-179). É a condição do homem enquanto senhor da criação que destrói aspectos da natureza para usá-la como matéria em seus projetos (FRY, 2010).

O homem que fabrica, diz Arendt, é o “construtor do mundo e produtor de coisas, só encontra sua relação apropriada com as outras pessoas trocando produtos com elas” (2014, p. 199). O *homo faber* está inserido numa rede pública de ações, ele se encontra no mercado de trocas a fim de exibir seus produtos e ser reconhecidos por tal. Nesse mercado, ou junto dele, vem a possibilidade de troca, da barganha e, o principal, da interação com o outro. Arendt (2014) fala que essa participação “pública” não pode ser considerada como ação política propriamente dita, pois está muito mais ligada a interesses privados e ao dinheiro do que com o próprio bem público e interesses comuns.

Arendt (2014) diz ainda que o mundo é rodeado de coisas, duráveis ou não, e nesta certeza o homem vai estabilizando as intempéries da natureza. O homem deve ter a certeza de que entre as coisas no mundo, incluindo a própria vida, “a medida não pode ser nem as necessidades coativas da vida biológica e do Trabalho, nem o instrumentalismo utilitário da fabricação e do uso” (ARENDT, 2014, p. 216). Para bem participar da vida pública, é necessário ir mais adiante e postular novos começos na ação.

1.3 A CONDIÇÃO HUMANA DA AÇÃO

Dentre as condições apresentadas anteriormente, para Arendt (2014), a mais importante é a ação. É nela que a pluralidade humana propriamente se manifesta. É a condição mais puramente humana, pois coloca o homem frente a todas as outras condições e o distingue enquanto ser único, dentro de uma pluralidade (FRY, 2010).

No campo da ação, Arendt (2014) enxerga os homens dentro de uma pluralidade. Trata-se de o homem partilhar com os outros o seu “quem”, revelando-se no agir e no falar. Arendt (2014) fala de uma “paradoxal pluralidade”, ou seja, o homem está inserido entre outros indivíduos, entretanto, traz consigo particularidades. É um indivíduo único – não existe outro igual – com características únicas que se relacionam e se compreendem com outros indivíduos únicos através do discurso. Sem o discurso e a ação, seria impossível distinguir a própria vida humana.

O discurso e ação revelam essa distinção única. Por meio deles, os homens podem distinguir a si próprios, ao invés de permanecerem apenas distintos; a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos aparecem uns para os outros, certamente não como objetos físicos, mas *qua* homens. Esse aparecimento, em contraposição à mera existência corpórea, depende da iniciativa, mas trata-se de uma iniciativa da qual nenhum ser humano pode abster-se sem deixar de ser humano (ARENDDT, 2014, p. 218).

Arendt quer ressaltar aquilo que separa os homens dos outros animais, a capacidade de discursar e agir. Para ela, somente através da capacidade de agir e discursar que o homem revela sua singularidade, pois cada homem carrega consigo um discurso e um agir diferente. Este aparecer através de palavras e ações afasta o homem do isolamento e o convida a viver entre os homens.

É por meio da palavra que o homem se manifesta; entretanto, não se sabe o que será manifestado. Tudo que vem do homem é como que novo, pois dentro de sua liberdade não se sabe o que há de vir. O homem está envolto sempre em novos começos e possibilidades.

É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e essa inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato simples do nosso aparecimento físico original. Não nos é imposta pela necessidade, como o trabalho, nem desencadeada pela utilidade, como a obra. Ela pode ser estimulada pela presença de outros cuja companhia possamos desejar nos juntar, mas nunca é condicionada por eles; seu impulso surge do começo que veio ao mundo quando nascemos e ao qual respondemos quando começamos algo novo por nossa própria iniciativa (ARENDDT, 2014, p. 219).

Arendt acredita que o homem é um iniciador. É essa capacidade de iniciar que leva os homens à inserção no espaço público. Arendt encontra no agir e nas palavras um impulso para a vida política. Para a filósofa, é natural da condição humana os homens se relacionarem. É que, por meio de atos e palavras, revelem seus carismas, talentos e defeitos (LAFER, 2003). A ação por meio do discurso encaixa-se com o nascimento, pois, assim como o nascimento biológico, a ação só acontece na relação entre as pessoas. A ação não é condicionada pelo meio (pessoas, grupo familiar etc.), mas incentivada por ele. Dessa forma, a imagem do nascimento biológico, nesse

sentido, pode ser comparada à natalidade. Assim, natalidade e ação se ligam, segundo Lafer (2003), significando a iniciação do homem para o mundo, por meio de atos e palavras, comunicando suas experiências pessoais e dando-se a conhecer.

Embora Arendt tenha vivido um momento obscuro na história com os regimes totalitários, segundo Oliveira (2007, p. 61), ela “surpreende com a ideia de que a capacidade humana de começar permanece presente no homem, mesmo estando ele vitimado pela experiência do totalitarismo”. Sua proposta de recuperar o espaço público representa uma fuga da dominação humana.

Para cumprir sua proposta restauradora, Arendt parte do agir em conjunto, prezando pela inserção de cada indivíduo na vida pública através de atos e palavras, e não do trabalho e da obra, pois ambas as condições se dão no isolamento (LAFER, 2003). Cabe agora um aprofundamento na relação efetiva dos atos e palavras e a condição da natalidade no intuito de entender o modelo político postulado por Arendt.

2 A NATALIDADE E A NOVIDADE

Em *A condição humana*, Arendt fala de uma condição natural e fundamental, a natalidade. Essa condição é intimamente ligada à ação, porque também é política. Ou seja, é uma possibilidade do homem agir e interagir com os indivíduos no mundo, através de atos e palavras (CORREIA, 2010).

Segundo Correia (2010), Arendt extrai o conceito “natalidade” de Santo Agostinho, presente na filosofia deste desde suas incursões juvenis.

O conceito “natalidade” parte do princípio de que o homem, “pelo fato de ter nascido, é um novo começo, e seu poder de começar pode muito bem corresponder a este fato da condição humana”⁷ (ARENDR, 2000, p. 191). A natalidade é a condição mais geral da existência humana. Não está ligada ao fato biológico de nascer, mas com uma relação dos que nascem com o mundo existente (ALMEIDA, 2013).

Arendt (2014) não trata da condição da natalidade como um nascimento biológico, mas como um aparecer para um mundo aberto às transformações.

⁷ Arendt escreve este trecho anos mais tarde em *Vida do espírito*. Demonstra que a presença do conceito de natalidade não se encerra na *Condição humana* (obra analisada neste trabalho). Em sua tese de doutorado a questão da natalidade já é tema de discussão. O que se percebe é que a influência desse conceito retirado da obra de Santo Agostinho *De Civitate Dei* (426, d.C.) está presente em *A condição humana* e apresenta influências significativas no pensamento político de Arendt (CARNEIRO JUNIOR, 2007).

A natalidade não é idêntica ao nascimento, que consiste na condição inaugural fundamental da natalidade. Enquanto o nascimento é um acontecimento, um evento por meio do qual somos recebidos na Terra em condições em geral adequadas ao nosso crescimento enquanto membros da espécie, a natalidade é uma possibilidade sempre presente de atualizarmos, por meio da ação, a singularidade da qual o nascimento de cada indivíduo é uma promessa; a possibilidade de assumirmos a responsabilidade por termos nascido e de nascermos, assim também, para o mundo; de que sejamos acolhidos no mundo por meio da revelação de quem somos mediante palavras e atos; de que nasçamos sempre de novo e nos afirmemos natais, não mortais; a possibilidade, enfim, de que nos tornemos mundanos, amantes do mundo (CORREIA, 2010, p. 813).

Enquanto nascer⁸ é romper com o espaço uterino e se expor a luz exterior, na concepção arendtiana, nascer significa lançar-se numa série de ações que possibilitem ao homem não apenas se expor, mas, também, atualizar-se e crescer diante das realidades à sua volta, levando em consideração, a capacidade de cada indivíduo de transformar o mundo. Na condição de natais, os homens podem se afirmar, por meio do nascimento, habitantes do mundo e responsáveis por ele. Cada nascimento é uma oportunidade que cada indivíduo tem de se responsabilizar por seu nascimento biológico (OLIVEIRA, 2007).

Segundo Arendt (2014), a relação dos nascidos com o mundo garante ao indivíduo a sua própria aparição em meio à pluralidade já existente, que, de acordo com cada indivíduo, acontece de forma diferente e única, pois, cada um é no singular. Este aparecer fica expresso como uma novidade, ou seja, algo novo que cada ser humano manifesta através de palavras e atos.

Para melhor entendimento da “natalidade”, usa-se o exemplo de Correia (2010), a respeito dos estrangeiros. São “recém-chegados” em um lugar (mais um ponto em que natalidade se afasta da função biológica). Essa alusão demonstra que os seres humanos estão sempre em mudanças (físicas, sociais, culturais etc.) e estas, significam que, a cada momento, os homens se apresentam como novos “recém-chegados”.

⁸ A distinção que Arendt (2014) faz entre nascer biológico e nascer político não estão nas palavras **nascer** e **nascimento**, mas sim em seu significado, que é político.

Quando esse “estrangeiro” chega a um determinado espaço e, neste, há garantias da discussão pública, esse pode aparecer. Com esse aparecimento, que se dá em cada caso, há um enriquecimento do espaço público, por meio da troca de opiniões (OLIVEIRA, 2007). Na condição da natalidade, o homem é aquele que age e é impulsionado a iniciar novos começos e novas ações no mundo.

Da relação homem e mundo, ou indivíduo e pluralidade, surge a possibilidade de cada ser humano atuar no mundo, isto é, iniciar algo novo. Entretanto, “trata-se de um início que difere do início do mundo, pois não é o início de algo, mas de alguém que é ele próprio, um iniciador” (ARENDT, 2014, p. 210). Desse modo, o iniciador sempre se apresenta como algo novo. Alguém que, “recém-chegado”, insere-se nessa “teia” chamada de **relações humanas** e, juntamente com os outros, vai afetando e sendo afetado pelas histórias daqueles com quem se relaciona. À medida que são iniciados no mundo, os atores⁹ se mostram. O que eles mostram assume caráter surpreendente e imprevisível (ARENDT, 2014).

Para ressaltar a importância da ação política, Arendt fala de um engajar-se politicamente por meio da ação e do discurso (CORREIA, 2010). Esse engajar-se, quer dizer “nascer para o mundo”. Para Arendt (2014), esse nascer, ou, em suas palavras, essa aparição é imprevisível, pois nunca se sabe o que cada homem carrega de novo em si, pois cada indivíduo é dotado de liberdade, por isso é impossível prever o resultado de suas ações.

Analisando as ações humanas pela imprevisibilidade, ações conflituosas entre os indivíduos, resultante dos atos e palavras, que é sempre resultado da liberdade, só seriam visíveis as tragédias resultantes dessas ações. Para solucionar o impasse da imprevisibilidade e não sacrificar a liberdade, tão cara em sua teoria política, Arendt, contrapõe com as capacidades humanas de perdão, de promessa e de operar milagres (que serão aprofundadas em tópicos posteriores).

O perdão não deixa o homem ser escravo de suas ações; perdendo, ele pode sempre recomeçar. O perdão oferece um fim, nem que seja provisório, a qualquer dor causada pela imprevisibilidade da ação. A promessa é a oportunidade de mudança.

⁹ Arendt (2014) usa o termo “atores” para demonstrar que o homem é o ator principal e herói da história (realidade). Diferentemente dos filósofos antigos, que viam o homem numa história ficcional, onde este era manipulado por um autor, o homem em Arendt se deixa conhecer através de seus feitos na história. Não é um ator de bastidores, mas que atua livremente e se revela na ação. Essa comparação de Arendt, apenas quer ressaltar que os assuntos relacionados à ação devem ser tomados com seriedade. Nesta peça as consequências são reais e se não cuidadas podem cair nos extremos absurdos, que já foram vividos na história.

Através da promessa, as ações se estabilizam de alguma maneira, pois ela visa sempre uma melhoria futura. Para manter a força da promessa, Arendt utiliza o milagre. O milagre¹⁰ é a certeza de que o novo pode acontecer, mesmo não sabendo como. E esse novo aparece sempre em forma de milagre.

Para Arendt (2014), o novo, “sempre acontece em oposição à esmagadora possibilidade das leis estatísticas e à sua probabilidade que, para todos os fins práticos e cotidianos, equivale à certeza” (2014, p. 220). Isso quer dizer que as ações do homem são imprevisíveis e vão além das certezas existentes. Um exemplo que Arendt (2014) utiliza é o do surgimento da terra, que é um mistério a ser explorado e a evolução da vida humana, surpreendentes e improváveis em sua visão. Por essa razão, do homem que é capaz de agir, pode-se esperar o inesperado. E isso só é possível porque cada homem é único e de cada nascimento surge algo novo.

Ressalta-se ainda que, o indivíduo é único e sempre revestido de algo novo, é ele que escolhe apresentar-se ou não ao mundo através da ação (ARENDR, 2014). Segundo Abreu (2004), apesar de tudo que aconteça (atrocidades e horrores do passado), existe a esperança de que se possa agir.

Para Arendt, o homem só pode expressar e manifestar sua singularidade porque existe outro diferente dele também no singular. Sem essa relação que se dá quando o homem escolhe agir é como se esse “ser agente” não existisse. Por isso,

[...] aquele que não se decide a agir, a nascer de novo para o mundo, depois de haver nascido para a Terra, porta consigo, por seu nascimento, uma pergunta sem resposta sobre seu quem, sua identidade, sobre se tem apreço pela promessa de novidade, que é gêmea de todo indivíduo (CORREIA, 2010, p. 814).

Por mais conflituosa que seja essa relação, ou essa aparição, pois cada homem é capaz de realizar o infinitamente improvável, ela é necessária. O espaço público existe apenas com o envolvimento das pessoas. Sem elas não haveria espaço público e sim algum tipo de dominação (ARENDR, 2014).

¹⁰ “Milagre é a palavra que nossa autora usa repetidamente em sua obra para compreender a possibilidade de um novo começo na história. Desde seus primeiros textos, passando pelos comentários sobre fenômeno revolucionário até a sua última obra, *A vida do espírito*, ela sempre insistiu sobre o fato de que a capacidade de começar é o dom mais extraordinário que recebemos e esse dom é, segundo ela, idêntico à liberdade”. (BIGNOTTO, 2001, p. 117 apud ABREU, 2004, p. 33)

A inexplorada capacidade de nascer é uma esperança para humanidade, segundo Arendt (2014). Se na análise da natalidade se entende que a ação só é possível se os indivíduos “nascerem”, o fato que a natalidade traz uma esperança na própria humanidade. É o homem se iniciando e se construindo através de sua aparição no espaço público. Nascer é mudar a história e construir a própria história. O que será feito e o novo que se pode realizar é uma questão que se deva fazer diante da teoria de Arendt: O que é esse milagre e o novo que o homem produz?

3 A NATALIDADE E O ESPAÇO PÚBLICO

Na obra *A condição humana*, Arendt (2014) afirma que o homem é começo. Por isso, trata a questão de “começar algo novo” com seriedade. O homem é aquele que está em transformação. Entende-se “começar” aqui como capacidade de mudar, transformar-se. Sendo assim, é necessário pensar “o que estamos fazendo”, para não reduzir a condição humana ao mero trabalho e obra. Desse modo, o agir terá impulso para acontecer. Só assim existe garantia de uma verdadeira participação política do homem no espaço público.

A preocupação de Arendt com a natalidade é um contrapor-se aos regimes totalitários que impedem os homens de “começar algo” através do isolamento. “Estar isolado é estar privado de agir” (ARENDR, 2014, p. 233). Os regimes totalitários privam o homem de começar algo novo no espaço público, pois é o líder que pensa e age por todos. Segundo Oliveira (2007, p. 21), “sem a experiência do espaço público, não há efetivação da vida do homem no seio da esfera pública”.

A experiência que os homens fazem no espaço público é a de política. Segundo Oliveira (2007, p. 27), para Arendt, “política trata da convivência entre os diferentes”. Os indivíduos, que para Arendt são seres únicos, singulares, portadores de uma novidade, atualizam suas potências para política na relação com outros indivíduos. Somente em relação com o outro, o homem é capaz de expressar sua diferença (singularidade), através de atos e palavras. Quando o homem consegue estabelecer esse contato com o outro, ele consegue o diálogo e o “dar-se a conhecer” (OLIVEIRA, 2007).

Segundo Abreu (2004, p. 35), o espaço público para Arendt é “caracterizado como aquele em que agem os seres humanos com igualdade”. Como já ficou expresso anteriormente, é da relação entre os diferentes que surge o espaço público. Não é um espaço físico, mas a capacidade dos homens de dialogar com o diferente – condição essencial para que a política aconteça. Em outras palavras, o espaço público é a

abertura para o novo que cada pessoa carrega consigo e pressupõe a aceitação da novidade que cada indivíduo carrega em si. Segundo Arendt (2014), a relação “entre homens” decorre da condição humana da natalidade, pois, por terem nascido os homens, são impulsionados a agir.

Ainda é importante ressaltar que, da construção desse ambiente público, Arendt retira o conceito de mundo. Ou seja, o mundo é o ambiente construindo entre “eles” (FREITAS, 2012). Segundo Arendt (2014, p. 2), “o artifício humano do mundo separa a existência humana de todo ambiente meramente animal”. Isso significa que o mundo é tratado em sentido político para Arendt (FREITAS 2012), sendo o conjunto de artefatos produzidos pelos homens e entre os homens. São os “produtos de mãos humanas” que levam os homens a negociarem entre si, separando o homem dos animais através da capacidade de dialogar e de formar espaço público.

Enfim, o espaço público também é o das “aparências”, compara-se à *pólis* grega em sua organização. Onde existem pessoas que vivem juntas com o mesmo propósito, existe o espaço público e, por esse motivo, também é o espaço das aparências, ou seja, “o espaço no qual eu apareço aos outros e os outros a mim; onde os homens não existem meramente como as outras coisas vivas ou inanimadas, mas fazem explicitamente seu aparecimento” (ARENDRT, 2014, p. 246). Significa que todos os homens podem participar e atuar. É o indivíduo revelando “quem é” aos outros através do discurso, e construindo a partir disso as relações. A condição que garante esse espaço é a natalidade porque incentiva a ação.

A natalidade é a “manifestação” do homem no meio público. Sem a natalidade, na teoria de Arendt, o homem estaria fadado à “morte”. Em Arendt (2014) o homem nasce para ocupar um lugar no mundo. Não nasce escravo, mas livre para agir. Por isso nascer é agir. E esse agir possibilita ao homem seu próprio desenvolvimento. Essas faculdades, expressas na teoria de Arendt, a saber: nascer, dialogar, agir, morrer etc. (principalmente a de agir), estão ligadas à liberdade, interrompem o ciclo da morte e possibilitam o homem iniciar algo novo. “Embora tenham que morrer, não nascem para morrer, mas para começar” (ARENDRT, 2014, p. 305).

Segundo Oliveira (2007), a capacidade que o homem tem de “começar”, de iniciar novas coisas é uma forma de Arendt dizer que “o princípio de liberdade foi criado quando o homem foi criado, mas não antes” (2014, p. 220). Percebe-se então que a condição da natalidade está intimamente ligada à liberdade, pois quando o

“recém-chegado” vem ao mundo¹¹, ele traz consigo uma espontaneidade presente nele, denominada “princípio de começar”, que é a novidade presente em todo homem.

Dentro do “princípio de começar” está a liberdade, que é a própria espontaneidade de expressar a novidade presente em si ao mundo. Já a novidade pode ser interpretada como “receber” ou acontecer o inesperado. Por isso, Abreu (2004) diz que a novidade se apoia no milagre, pois tem sentido absolutamente extraordinário. É característica do milagre ser miraculoso e renovador. Aqui, milagre não pode ser interpretado no sentido divino e sobrenatural bíblico do termo, pois não é uma divindade que age, mas o próprio homem que cria novas realidades e apresenta o extraordinário ao mundo (VICENTE, 2011).

Segundo Lafer (2003), o que permite o aparecimento da liberdade e da novidade como um milagre é a existência de um espaço onde a palavra e ação possam se converter em política. Para Arendt, a liberdade está relacionada à *polis* grega. Significa que os homens são livres para participar democraticamente dos assuntos públicos. E esta união transforma a ação e o discurso em imperecíveis. A liberdade nesta concepção surge no diálogo plural, que aparece somente com a existência de um espaço público que permita o discurso e ação. Portanto, a liberdade existe entre pessoas em contraposição ao espírito do isolamento (FRY, 2010). Segundo Arendt (2014, p. 228), “Juntos, iniciam novo processo, que finalmente emerge como singular estória de vida do ‘recém-chegado’, que afeta de modo singular as estórias de vida de todos aqueles com quem ele entra em contato”.

A liberdade e a novidade somente são possíveis porque, segundo Arendt (2014), os assuntos humanos decorrem da condição da natalidade. É a possibilidade de cada homem realizar o “novo” que possibilita solidificar os alicerces do espaço público. Espaço onde o homem exerce a liberdade e apresenta a novidade.

Cabe argumentar que, segundo Arendt (2014), o espaço onde os homens se relacionam é frágil, uma vez que a ação é imprevisível e nunca se sabe o que dela vai sair. O que pode levar a um distanciamento deste espaço, buscando uma tranquilidade e levando a um afastamento dos assuntos humanos, por isso ele precisa ser preservado. Neste objetivo, Arendt (2014), coloca o perdão como remédio para imprevisibilidade. A capacidade de perdoar é acreditar que o homem é capaz de mudar. É crer que se o homem é capaz de destruir também é de construir.

¹¹ Segundo Oliveira (2007), o mundo pode ser visto, nesse contexto, como *habitat* de todos. Lugar de acolhida aos “recém-chegados”.

Os assuntos humanos não estão fadados ao fim, graças à condição da natalidade, que coloca o homem sempre como um início. É uma questão que envolve grandes conceitos – estes retomam sempre que o homem é um ser capaz de trazer ao mundo uma novidade, como um milagre: algo “infinitamente improvável que ocorre regularmente” (ARENDDT, 2014, p. 305), pois o homem é início – e garante que os homens não abandonem os assuntos humanos, pois perdão e milagre estão ao alcance dos homens para que eles não permaneçam no isolamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta o que foi observado na análise da obra *A condição humana* e após discutir o tema da natalidade, fica clara a centralidade que essa condição tem no corpo político pensado e almejado por Arendt. Toda a obra converge para um agir social. É o homem que se preocupa com o meio político em que vive. É o homem que se preocupa na relação com o outro. Desse modo, mediante a natalidade, encontram-se possíveis soluções para uma efetiva transformação social. Isto quer dizer que um ambiente que se preocupa e incentiva o debate, o diálogo, a interação e, principalmente, que respeite a pluralidade, é um espaço em que dificilmente ocorrerão atrocidades que anulem a condição e o direito de cada homem.

A teoria política proposta em *A condição humana* valoriza todo espaço que possibilita o agir político. É a oportunidade de cada indivíduo aparecer no mundo e surpreendê-lo com algum feito admirável. Levando em consideração esses aspectos da condição humana de Arendt, nota-se um investimento na vida do homem. É uma luta em prol da liberdade do indivíduo e uma tentativa de acabar com qualquer forma de regime totalitário. Assim, Arendt apresenta um novo caminho para fugir do totalitarismo através da valorização da condição da natalidade e novidade que cada homem produz.

Em *A condição humana* existe uma estreita relação entre natalidade e ação. Uma é dependente da outra, pois “como a ação é a atividade humana por excelência, a natalidade, e não a mortalidade pode ser a categoria central do pensamento político” (ARENDDT, 2014, p. 11). Ainda é importante ressaltar que mesmo sendo dependentes e mesmo havendo uma relação, só é possível falar de um começo quando há um agir. É preciso que alguém aja e garanta o agir dos outros para que seja respeitada a capacidade humana de gerar novos

começos. É o cuidado com o espaço público para que o totalitarismo não sobreponha à liberdade política (ABREU, 2004).

Dessa forma, nascer é ser livre para agir. Sendo livre para agir, os homens podem fazer a diferença na história, vivendo “como um ser distinto e único entre iguais” (ARENDR, 2014, p. 221). Na esperança de que os que nascem transformem e atuem por um mundo melhor, deve-se pensar em um engajamento político e em uma responsabilidade pelo mundo. Infelizmente, é cada vez mais fraca a participação dos homens nos assuntos políticos, resultado da descrença na política.

Enfim, o caminho para verdadeiras mudanças sociais é o investimento em uma participação política ativa. Só serão possíveis essas mudanças quando o homem entender que a política é um envolver-se (aparecer) de todos no espaço público, carregando consigo aquilo que se tem de novo em benefício do bem comum.

Por fim, fazendo uma reflexão a partir do novo é possível caminhar para uma política plural que se constrói através de ideias que valorizem a opinião e a novidade que cada ser humano carrega em si. Não existe uma fórmula pronta para uma efetiva participação política, o que existe são caminhos que levam a ela, a valorização do novo que cada homem carrega é um deles. Pode-se dizer que acreditar que o homem é um milagre e que a sua novidade é positiva, é acreditar na própria humanidade; é ter esperança de “melhores novos começos”.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. **Hannah Arendt e os limites do novo**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.
- ALMEIDA, V. S. de. Natalidade e educação: reflexões sobre o milagre do novo na obra de Hannah Arendt. **Pro-Posições** [online], v. 24, n. 2 (71), p. 221-237, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v24n2/v24n2a14.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo e Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- _____. **A vida do espírito**: o pensar, o querer, o julgar. Trad. Antônio Abranches, Cesar Augusto R. de Almeida e Helena Martins. 4. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- _____. **Origens do totalitarismo**: Hannah Arendt. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CARNEIRO JUNIOR, R. A. O amor na política: um diálogo entre Hannah Arendt e Santo Agostinho. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 46, n. 1, p. 31-50, jan./jun. 2007.
- CORREIA, A. Natalidade e amor mundi: sobre a relação entre educação e política em Hannah Arendt. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 811-822, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.academia.edu/23709533/Natalidade_e_amor_mundi_sobre_a_rela%C3%A7%C3%A3o_entre_educa%C3%A7%C3%A3o_e_pol%C3%ADtica_em_Hannah_Arendt>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- _____. Nota à revisão técnica. In: ARENDT, H. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo e Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 352-385.
- FREITAS, B. P. **A política sob o princípio do amor mundi**: diálogo com Hannah Arendt. Tese (Pós-Graduação em Serviço Social) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/19567/19567_1.PDF>. Acesso em: 3 ago. 2016.
- FRY, K. A. **Compreender Hannah Arendt**. Trad. Paulo Ferreira Valério. Petrópolis: Vozes, 2010. (Série Compreender).
- LAFER, Celso. **Hannah Arendt**: pensamento, persuasão e poder. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- MAGALHÃES, T. C. de. A atividade humana do trabalho [Labor] em Hannah Arendt. **Revista Ensaio**, São Paulo, n. 14, p. 131-168, jan./mar. 1985. Disponível em: <<http://fabiopassos.com.br/downloads/d368eb1d009a006180e511f0e2cac403.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2016.

OLIVEIRA, J. L. de. **A fundação do corpo político no pensamento de Hannah Arendt.** Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, UFMG, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ARBZ-7JKKD4/a_funda_o_do_corpo_pol_tico_no_pensamento_de_hannah_arendt_.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 jul. 2016.

VICENTE, J. J. N. B. Hannah Arendt e o “milagre” da natalidade. **Synesis**, Petrópolis, v. 3, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis&page=article&op=view&path%5B%5D=99>>. Acesso em: 25 jul. 2016.